



«Tão inteligente
e hilariante
como o seu
antecessor.»
PopSugar

ELLE COSIMANO

FINLAY

DONOVAN

LEVA TUDO

À FRENTE

TOP
SEL
LER

CAPÍTULO 1

O *Christopher* estava morto. Fora encontrado a boiar na água, com os olhos esbugalhados e vidrados, pouco depois do nascer do dia. Embora não se pudesse afirmar com completa honestidade que eu nunca tinha matado ninguém, desta vez era inegável que a responsabilidade era cem por cento minha.

— A culpa não foi tua. — A Vero apertou-me o braço num gesto encorajador por cima da manga da camisola de fato de treino preta. Não encontrara nada mais apropriado para vestir; não tinha acordado propriamente a contar ter de ir a um funeral. No entanto, não sei como, a jovem e ultraelegante ama dos meus filhos conseguira desencantar um par de calças moldadas ao corpo, uma blusa de estilista e fazer um penteado fabuloso. Ofereceu-me um sorriso triste. — Não tiveste intenção.

A mão da minha filha parecia frágil na minha, o seu corpinho encostado a mim do outro lado, com os olhos vermelhos de chorar.

— Em tua defesa — murmurou a Vero —, as instruções vinham em letra muito pequena. E com a tua idade...

— Tenho 31 anos.

— Exato. Ninguém podia esperar que lesSES aquelas lettrinhas minúsculas. Deste-lhe demasiado. Mais nada.

— Ele parecia esfomeado. — A desculpa soava esfarrapada até aos meus próprios ouvidos. Mas cada vez que eu entrava no quarto da minha filha, o *Christopher* fitava-me do seu aquário com aqueles olhos redondos e suplicantes.

— Eu sei. — A Vero franziu os lábios brilhantes e deu-me uma palmadinha no ombro. — Deste o teu melhor, Finn.

O peixinho dourado da minha filha boiava na água turva, com a barriga inchada virada para mim como um dedo acusador.

O *Christopher* fora uma prenda do pai, embora eu estivesse certa de que o Steven lhe comprara o peixe só para me aborrecer. Para colocar mais uma responsabilidade no meu prato já cheio, só para poder ver-me falhar e depois me esfregar isso na cara enquanto competia comigo pela guarda das crianças. Desde que me deixara para ficar noivo da nossa agente imobiliária, parecia decidido a demonstrar a minha incompetência. Tornara-se uma competição para ele, que se intensificara ainda mais depois de ele e a Theresa se separarem. Eu estava decidida a não deixar morrer o maldito peixe, para provar ao meu ex-marido que era capaz de sustentar os nossos filhos — e o seu peixe de estimação — sem ele, apenas com os meus pobres rendimentos provenientes da escrita. Que era capaz de alimentar e de cuidar da Delia, do Zach e do *Christopher* sozinha. Ou, quando muito, com a ajuda da Vero.

O *Christopher* sobrevivera aos meus cuidados menos de um mês. E embora o Zach não fosse crescido o suficiente para me denunciar ao pai, a Delia não conseguia guardar um segredo nem que a sua vida dependesse disso. Seria impossível esconder do Steven a notícia da morte do *Christopher*. E ele iria vangloriar-se disso ao Guy, o seu desonesto advogado de divórcio, e provavelmente o assunto viria à baila em tribunal. *Meritíssimo, gostaria de chamar a vossa atenção para o peixe no saco de prova identificado como Prova A. O falecido foi desta para melhor após três meras semanas aos cuidados da minha ex-mulher. É evidente que ela não é uma progenitora adequada para cuidar dos nossos filhos.*

Se o Steven fizesse a mais pequena ideia do humano que morrera aos meus cuidados no último mês (ou de onde eu e a Vero nos tínhamos livrado do corpo), provavelmente teria um ataque cardíaco — uma possibilidade que a Vero levava alegremente em consideração, até calcular como eram remotas as probabilidades de a notícia matar mesmo. Um mês antes, depois de uma mulher chamada Patricia Mickler me ter ouvido a discutir o enredo de um livro com a minha agente literária num restaurante apinhado, oferecera-se para me pagar cinquenta mil dólares para assassinar o marido dela,

um homem horrível que fazia lavagem de dinheiro para a máfia russa. O facto de o Harris ter acabado na minha carrinha, drogado, fora um acidente, e embora não tivesse sido eu a assassiná-lo propriamente, a Patricia estava convencida disso. Passara o meu nome à sua amiga Irina, casada com um assassino a soldo da mesma e assustadora máfia. A morte do marido da Irina fora também um acidente. De qualquer maneira, para manifestar a sua gratidão, ambas as mulheres me tinham dado copiosas quantias de dinheiro. E uma dica: que alguém tinha publicado um anúncio online, à procura de uma pessoa disposta a assassinar o meu ex-marido por dinheiro.

A Vero estendeu-me a pequena rede de plástico verde.

— Queres dizer algumas palavras?

O Zach aproximou-se do aquário nas suas perninhas rechonchudas, com as orlas da fralda a espreitarem por baixo da camisa preta. Os seus dedinhos peganhentos fecharam-se sobre a beira do tampo da cómoda e ele pôs-se em bicos de pés para ver. Tocou com o dedo no vidro, com um fio de baba a pingar-lhe do queixo. A Delia soltou um suspiro choroso, com o lábio superior a brilhar de ranho, e ergueu o olhar para mim com ar expectante. Tirei a rede da mão da Vero.

— O que é que eu digo? — murmurei.

Ela empurrou-me na direção do aquário.

— Diz só qualquer coisa simpática sobre ele.

Encostei a rede ao peito enquanto me debatia para encontrar palavras capazes de acalmar a minha filha de 5 anos, que estava histérica desde que acordara e encontrara o seu peixe de estimação a boiar no aquário como um *Cheerio* numa taça de leite. Afinal de contas, eu era escritora. O meu trabalho era encadear palavras umas nas outras. Aquilo devia ser fácil. Mas de cada vez que olhava para o *Christopher*, tudo o que via era a cara do meu ex-marido. Não porque quisesse matar o Steven. Quer dizer, até queria. Às vezes. Na maior parte dos dias. Sempre que ele abria a boca, sem dúvida. Mas por mais litigiosa que fosse a nossa relação desde que ele me trocara pela agente imobiliária, o Steven amava os filhos e as crianças amavam o pai. E eu nunca faria nada que magoasse a Delia ou o Zach.

Havia quem quisesse ver o Steven morto, sim. Mas não era eu.

— O que posso dizer do nosso *Christopher*? — Olhei para a Vero em busca de inspiração. O canto da boca dela estremeceu, e fez um gesto mandando-me continuar. — Era um bom peixe. Um amigo leal e constante de todos nós, que...

Senti um puxão na perna das calças de yoga.

— Fala sobre o sorriso dele — disse a Delia, limpando o nariz na manga do *body* preto. — E diz que ele fazia as melhores bolhas. — Desfez-se de novo em lágrimas, com a cara escondida nas pregas da minha camisola. A pequena testa do Zach franziu-se numa expressão preocupada. Dei graças por ele ser demasiado pequeno para compreender o que estava mesmo a acontecer, enquanto dava voz aos sentimentos da Delia e depois enfiava a rede na água para retirar o *Christopher*.

Ela agarrou-se à minha perna e marchámos, solenemente, até à casa de banho do outro lado do corredor. O Zach vinha ao colo da Vero, atrás de nós, encerrando o cortejo fúnebre. Parámos em volta da sanita aberta, prestando uma última homenagem enquanto o *Christopher* caía dentro da água ao fundo com um suave *chape*.

A Delia agarrou no meu braço quando estendi a mão para o autoclismo.

— Não, mamã!

— Querida, tem de ser. Ele não pode ficar na sanita para sempre.

— Porquê? — gemeu ela.

— Porque... — Lancei um olhar suplicante à Vero. Não havia decididamente nenhum capítulo sobre isto nos livros sobre filhos que eu lera durante a gravidez. Queria o meu dinheiro de volta.

— Porque — disse a Vero de forma prestável —, vai começar a cheirar mal... — Pisei-a com força.

— Mas assim nunca mais o vejo — soluçou a Delia.

Uma bolha de ranho formou-se no seu nariz e eu limpei-a com a manga.

— Teremos sempre as memórias. — E as dezenas de fotografias que ela me obrigara a publicar em *#peixinhodouradonoinstagram*.

— Podíamos ir à loja de animais comprar outro — sugeriu a Vero antes que eu pudesse fazer alguma coisa para a impedir. A Delia desatou a chorar alto. O lábio inferior do Zach começou também a tremer.

— Não quero outro peixe! — berrou a Delia. — Não há mais nenhum peixe como o *Christopher*!

— Tens toda a razão — concordei, levantando a voz agora que estavam os dois aos berros. — Nunca haverá outro peixe como o *Christopher*. Devíamos honrar a sua memória com um momento de silêncio.

A Delia fechou a boca com força. A casa de banho ficou em silêncio, à exceção das fungadelas infelizes dos meus filhos. Baixei a cabeça e dei uma cotovelada nas costelas da Vero para ela fazer o mesmo. Esperei um minuto antes de levar a mão ao autoclismo. Desta vez a Delia não tentou impedir-me e o *Christopher* desapareceu num redemoinho de escamas cor de laranja.

A Vero alisou carinhosamente o cabelo espetado da Delia.

— Anda, Dee. Vamos fazer bolachinhas.

— Não lhes dê muitas — recordei-lhe. A minha mãe estava a preparar peru recheado suficiente para alimentar um exército, e matava-me se eu estragasse o apetite dos miúdos antes de jantar.

O Zach soltou um gritinho deliciado quando a Vero lhe pegou e desceu as escadas com ele ao colo. A Delia ficou para trás e deitou uma última olhadela à sanita antes de ir atrás deles para a cozinha.

Quando ia apagar a luz, hesitei. Voltei para trás e puxei mais uma vez o autoclismo. Porque não sou a pessoa mais sortuda do mundo e sei muito bem que os mortos às vezes voltam para nos assombrar.

CAPÍTULO 2

Uma hora mais tarde, eu e a Vero prendemos a Delia e o Zach nas suas cadeirinhas no carro. A Vero limpou os restos de migalhas de bolacha das bochechas deles enquanto eu punha duas malas de viagem pequenas na bagageira da carrinha e fechava a porta.

— Para que é a bagagem? — perguntou a Vero.

— Recebi um e-mail do Steven esta manhã. Mudou-se para a casa nova e quer levar os miúdos para passarem o fim de semana com ele. — Anexara fotografias da casa de quinta remodelada que arrendara em Fauquier County, com o cuidado de sublinhar que os quartos das crianças já estavam preparados, com os respetivos brinquedos, e a cozinha estava abastecida e pronta para os receber. Colocara o advogado, Guy, em Cc no e-mail, e este respondera-nos a ambos, dando os parabéns ao Steven por ter encontrado «uma casa tão boa para as crianças», o que queria claramente dizer «Não tens maneira de te opor a isto», em língua de advogado.

Fora fácil afastar as crianças da quinta do Steven depois de a sua ex-noiva ter sido presa. Após a descoberta de cinco cadáveres enterados na quinta, e da Theresa Hall ter sido implicada na investigação que se seguiu, o Steven rompeu o noivado. Em poucas horas tinha saído da casa dela na cidade e desde então estava a dormir no sofá da caravana que servia de escritório de vendas na quinta. Ele e o advogado tinham concordado que seria melhor para as crianças suspender as dormidas com o pai até ele se organizar. Mas não sabiam aquilo que eu e a Vero sabíamos: que alguém publicara um anúncio classificado num fórum online, a oferecer cem mil dólares a quem despachasse o Steven Donovan. Tanto quanto eu e a Vero percebíamos, o fórum era um autêntico esgoto disfarçado de grupo

de apoio para mães — um espaço de reunião anônimo para centenas de mulheres de meia-idade frustradas, onde podiam queixar-se de tudo o que as aborrecia, nomeadamente os maridos, os patrões e os namorados. Pelos vistos, para as mais abonadas, era também uma boa forma de se verem livres deles.

A Vero parecia chocada. Fechou a porta de correr da carrinha, depois de instalar os miúdos.

— Não vais mesmo deixá-los ficar com ele, pois não?

— Claro que não. Liguei aos meus pais e perguntei se podiam ficar com os netos. Depois mandei um e-mail ao Steven e disse que os miúdos já tinham planos.

Um sorriso malicioso ergueu os cantos dos lábios da Vero enquanto entrávamos na carrinha. Baixou a voz para um murmúrio conspirador e levantou uma sobrancelha.

— Três dias inteiros sem as crianças? Posso passar uma ou duas noites em casa do meu primo, se quiseres convidar o Julian para vir brincar às casinhas no fim de semana.

Senti o rosto quente ao imaginar o Julian na minha cozinha. Ou no meu quarto. Lancei um olhar culpado para o espelho retrovisor, mas o Zach já estava a adormecer, com a cabeça encostada à cadeirinha, e os olhos vermelhos da Delia também pareciam pesados.

— Não tenho tempo para brincar às casinhas. — Por mais tentador que fosse passar um fim de semana sozinha com o sexy estudante de Direito com quem saíra algumas vezes, tinha coisas muito mais importantes a fazer. — Tenho de descobrir quem publicou aquele anúncio. Tenho medo de deixar as crianças passarem os fins de semana com o Steven enquanto não tiver a certeza de que não há ninguém a tentar matá-lo.

Além disso, como se não bastasse, ainda tinha de mandar o resumo do novo livro à minha agente até às nove horas de segunda-feira.

Rodei a chave na ignição e fiz uma careta quando o motor protestou e se engasgou antes de pegar.

A Vero emitiu um som aborrecido.

— Vamos comprar um carro novo na segunda-feira.

— A carrinha está ótima. O teu primo acabou de a arranjar.

— Não, o Ramón só lhe pôs um penso rápido. Admite, a carrinha já deu o que tinha a dar.

Engatei a minha velha *Dodge Caravan* e rezei para que nada se soltasse e caísse — pelo menos nada importante — enquanto descia o caminho de acesso ruidosamente.

— Não posso comprar um carro novo agora, com o Steven e o advogado a vigiarem todas as minhas despesas.

— Podias, se aceitasses o trabalho naquele fórum. Com cem mil dólares já compravas um carro de jeito.

— Não vamos matar o meu ex-marido por dinheiro — sussurrei, com um olhar de relance para os meus filhos adormecidos.

— Quanto é que achas que nos pagariam pelo advogado dele? — sugeri a Vero. Lancei-lhe um olhar fulminante. — Acalma-te, estou só a brincar. Mas esta transmissão não vai durar muito mais. Bem podes começar a escrever esse livro que a Sylvia pensa que estás a escrever.

— Eu sei. E é o que vou fazer. — A minha agente literária, a Sylvia Barr, andava a atormentar-me para lhe enviar algumas páginas de um romance que supostamente começara a escrever há um mês e que a editora esperava antes do fim do ano. — Vou trabalhar nisso este fim de semana. Já que estarei na biblioteca, de qualquer maneira.

Eu e a Vero andávamos a fazer turnos, entre cerca de uma dúzia de delegações da nossa biblioteca regional, sempre com o cuidado de eliminar o histórico de pesquisas depois de usar os computadores, para verificar se alguém aceitava o trabalho oferecido naquele fórum. Passara já um mês sem que ninguém mordesse o isco, mas isso não alterava o facto de haver alguém que queria assassinar o pai dos meus filhos e, agora que o Steven tinha uma casa, eu ficara sem desculpas plausíveis para o afastar das crianças. Passaria o fim de semana todo na biblioteca, se tivesse de ser. Ia esquadrinhar aquele fórum de mulheres até descobrir quem publicara o anúncio — provavelmente uma das inúmeras mulheres que o Steven maltratara ou

consequira irritar de alguma maneira. Depois faria um telefonema anónimo para a polícia a denunciar as intenções dessa mulher e, se tudo corresse bem, seria o fim da história.

— Eu ajudo-te — ofereceu-se a Vero enquanto entrávamos na autoestrada.

— Não há necessidade de desperdiçarmos o fim de semana de ambas. Não tens encontros escaldantes planeados?

— Por favor. A única aqui que está a ter alguma ação és tu.

Olhei de relance para ela. Sempre fora a Vero que me pressionara para vestir roupas a sério e sair mais. No entanto, ultimamente, via-a cada vez mais em casa. À exceção das aulas na universidade comunitária local, parecia satisfeita a passar as noites livres comigo e com as crianças, a ver filmes, de pijama.

— Talvez tivesses mais ação se saíesses de casa de vez em quando. — Ela revirou os olhos. — E aquele tipo de Macroeconomia, o Todd?

— *Microeconomia* — corrigiu ela, com ênfase em *micro*. — Se estás a tentar livrar-te de mim para andares despida com o teu namorado, prefiro passar o fim de semana a ver futebol com o meu primo.

A carrinha guinou ligeiramente quando afastei os olhos da estrada para a observar por um segundo, e o tipo na faixa do lado buzinou-me.

— Não tinhas dito que a tua família este ano não ia passar o Dia de Ação de Graças junta porque a tua tia está doente?

— E está. A minha mãe ficou a tomar conta dela.

Eu sabia que a Vero e o primo eram bastante próximos — ela vivia no sofá dele antes de se ter mudado para nossa casa —, mas no que dizia respeito à família, a Vero era invulgarmente reservada. Ela vivia connosco há um mês e, nesse período, a família nunca ligara lá para casa e, apesar de a mãe e a tia viverem do outro lado da ponte, em Maryland, tanto quanto eu sabia a Vero nunca fora visitá-las.

— Se o Ramón está em casa, porque é que não vais jantar com ele?

A Vero respondeu com uma risada seca.

— A ideia que o Ramón tem de uma refeição caseira é macarrão com queijo instantâneo. Além disso, prefiro passar o dia com vocês.

Virou-se para a janela. Eu não conseguia afastar a sensação de que havia algo que ela não me estava a dizer, mas quando virámos para o bairro dos meus pais decidi não insistir. Ela falaria comigo quando estivesse preparada para isso. As famílias eram estranhas, por vezes. Eu sabia-o bem.

A minha mãe e o meu pai ainda viviam na mesma casa onde eu e a Georgia tínhamos crescido, uma vivenda de dois andares com fachada de tijolo em estilo colonial, naquilo que fora em tempos um subúrbio mais tranquilo em Burke. A minha mãe abriu a porta quando ouviu a carrinha. Tinha um avental a dizer AS AVÓS SABEM TUDO, salpicado de óleo e farinha. O cheiro delicioso a peru recheado chegou até mim enquanto acordava os miúdos e os empurrava para dentro. Durante cinco dias, todos os anos, eu ficava contente por viver tão perto dos meus pais. Nos outros 360? Nem por isso.

A minha mãe olhou para o cabelo da Delia com o sobrolho franzido quando a encurralou no vestíbulo para lhe dar um abraço. As madeixas loiras e espetadas tinham crescido pelo menos dois centímetros, desde um incidente que envolvera fita adesiva e uma tesoura, e a Vero penteara-as para o lado antes de sairmos de casa, prendendo-as com ganchos cor-de-rosa.

— Estás tão crescida! Parece que não te via há meses!

— Viste-os na semana passada, mãe. — Com o saco das fraldas num braço e uma tarte de abóbora na outra, larguei o Zach nos braços da minha mãe. Ela limpou-lhe uma mancha de chocolate da cara e beijou-o, fitando-me de testa franzida. Depois torceu o nariz e estendeu a mão para o saco das fraldas.

— Desculpa. Mudei-o antes de sairmos de casa, mas apanhámos trânsito.

A Georgia apareceu no vestíbulo, de cerveja aberta na mão. A nossa mãe revirou os olhos para o céu.

— O que foi? — perguntou a Georgia, o retrato da inocência.
— Já são cinco da tarde.

— No Vaticano, talvez — resmungou a minha mãe. Depois ficou mais animada quando a Vero entrou com as duas malas. — Vero,

minha querida, é tão bom ver-te. Fico muito feliz por poderes juntar-te a nós. — O Zach riu-se quando elas se abraçaram meio atabalhoadamente com ele pelo meio.

— Não perderia isto por nada.

— Deixa aí as malas — disse a minha mãe, apontando na direção do fundo das escadas antes de fechar a porta.

— Olá, Vero. Feliz Dia de A... *uuuf!* — A Georgia soltou a respiração com um grunhido quando foi abalroada pela Delia, que lhe apertou as pernas num abraço esmagador.

— Tia Georgia, podes vir à minha escola para a semana? É Dia do Trabalho.

— Dia do Trabalho?

— Dia das Profissões — esclareci, pousando a tarte na mesa do vestíbulo para despir o casaco.

A Delia saltitou, em bicos de pés.

— Disse aos meus amigos que és polícia e eles querem ver a tua arma.

A Georgia esfregou o cabelo da Delia, fazendo saltar um dos ganchos.

— Eu depois combino com a tua mãe. Vai falar ao avô. Acho que ele está a comer as bolachas todas.

A Delia correu para a sala, onde se ouvia o som de um jogo de futebol proveniente da televisão. A Georgia ergueu a cerveja num brinde, mas antes de conseguir levar o gargalo da garrafa aos lábios, a nossa mãe pôs-lhe o Zach contra o peito. Os reflexos de polícia de Georgia levaram a melhor e ela agarrou em Zach com o braço livre enquanto ele escorregava pela sua camisola abaixo.

— Podes mudar-lhe a fralda no quarto de visitas — disse a minha mãe, largando o saco das fraldas aos pés dela.

Ela arregalou os olhos.

A Vero recuou, com as mãos no ar.

— Não olhes para mim. Hoje estou de folga. — Dirigiu-se para a sala, cumprimentou o meu pai com um beijo na cara e deixou-se cair ao lado dele no sofá.

A Georgia soltou uma fungadela e a sua expressão enojada fez rir o Zach.

— Finn, pega lá nele. Não sou qualificada para tratar disto. — Estendeu-mo. Eu tinha a certeza de que ela se sentiria mais à vontade a desmontar uma bomba.

Em vez disso, tirei-lhe a cerveja da outra mão e enfiei-lhe as alças do saco das fraldas no braço, até ficar pendurado como um casaco num cabide.

— Pensa que é um saco de equipamento tático — disse-lhe, com uma palmadinha tranquilizadora nas costas.

A Georgia olhou para o saco e suspirou o meu nome com ar suplicante enquanto eu bebia um trago de cerveja e me virava para a cozinha, no rasto do delicioso aroma a batatas-doces assadas e a recheio. Sentei-me numa cadeira à mesa da cozinha, fechei os olhos e bebi, grata por alguns instantes de paz e sossego.

Algo pesado bateu na mesa à minha frente. Abri um olho. Era uma tigela cheia de feijões-verdes, um emaranhado de vagens e caules.

— Trata destes enquanto eu rego o peru — disse a minha mãe, enfiando as luvas do forno. Pousei a cerveja com um suspiro enquanto ela tirava o peru fumegante do forno.

— Como está a correr o livro?

— Muito bem — menti.

A minha mãe olhou para mim de lado, enquanto regava o peru com o molho do fundo da travessa.

— Já te pagaram?

— Só metade. O resto recebo quando acabar. — *Se* acabasse.

— Põe essa metade nas tuas poupanças. Pelo sim, pelo não.

— Porquê?

— Podes precisar, para pagar a um advogado.

Com um gemido, pegou na travessa. Eu sabia que nem valia a pena oferecer-me para ajudar. Havia certas coisas que a minha mãe gostava de fazer sozinha. Os jantares de festa — cozinhar e alimentar a família — eram um trabalho que só deixaria de fazer no

dia da sua morte. A única razão para me deixar tratar do feijão-verde era por ser um trabalho que eu não conseguiria fazer mal.

— O advogado do Steven ainda anda a chatear-te?

Parti uma viagem ao meio.

— Está tudo bem, mãe. Eu trato do assunto.

— Pensei que o Steven tinha concordado com visitas semanais.

— Ele quer os miúdos todas as semanas, de sexta-feira à tarde até segunda-feira de manhã, agora que arranjou casa.

A minha mãe soltou uma exclamação de revolta, atirou uma tábua para cima da mesa e espetou a faca nela. Guarda conjunta não era tão má como a guarda exclusiva pela qual o meu ex se batera quando ele e a Theresa estavam a preparar-se para dar o nó. Mesmo assim, eram três noites que os meus filhos estariam fora de casa, noutra condado, em vez de estarem a poucos quarteirões, na mesma rua.

— Ele é um monstro — disse a minha mãe, picando salsa com ferocidade.

— Não é um monstro, está apenas zangado. — Zangado porque a sua relação com a Theresa não resultara. Porque o negócio estava a passar por dificuldades depois de terem sido exumados cinco corpos da sua quinta. Porque eu estava finalmente a ganhar dinheiro suficiente para me sustentar a mim e aos miúdos sem precisar dele.

— Por causa desse rapaz com quem tens saído?

E por isso também, talvez.

O facto de eu estar envolvida com alguém era uma espinha na garganta do Steven. E ele gostava de me atormentar por isso, e todas as semanas ligava ao Guy com algum plano novo para interferir com a minha guarda das crianças.

A minha mãe ergueu uma sobranceira.

— A Georgia diz que esse homem com quem andas só trabalha em *part-time*. Que ainda está a estudar.

— Está a fazer o doutoramento.

— É novo demais para ti. Devias arranjar alguém mais para a tua idade. Um homem estável, capaz de cuidar de ti e das crianças.

— Eu consigo cuidar de mim e das crianças sozinha.

— Se tivesses um marido, o Steven não estaria a ameaçar tirar-te os filhos. Não teria bases para isso.

Empurrei a tigela de feijões assassinados.

— Porque é que tu e o pai estão sempre a pressionar-me para arranjar um marido? Nunca aborrecem a Georgia para arranjar uma mulher.

— A Georgia tem seguro de saúde e um plano para a reforma através da polícia.

Suspirei e apoiei a cabeça na mão. Não tinha resposta para isso.

— E aquele homem simpático que trabalha com a tua irmã? — A minha mãe agitou a concha no ar enquanto tentava recordar-se do nome dele. — Aquele alto, de cabelo escuro, cujo parceiro teve cancro. Lembro-me de o ter conhecido há uns anos, quando ele e a Georgia se formaram juntos da Academia. É muito bem-parecido — disse, baixando a voz como se isto fosse um anúncio escandaloso. — E é católico.

Levei a cerveja à boca para disfarçar o constrangimento. O inspetor Nicholas Anthony era, de facto, muito bem-parecido. E beijava bem que se fartava. Mas a minha mãe não precisava de mais combustível para as suas fantasias matrimoniais. Passara um mês desde que o Nick aparecera à minha porta com uma garrafa de champanhe e um pedido de desculpas por ter suspeitado do pior em relação a mim, mas a discussão com ele ainda me incomodava. Detestava pensar que, embora os meus motivos fossem inocentes, o Nick estava certo, até certo ponto. Eu mentira-lhe para evitar problemas e ainda não me perdoara a mim própria por isso.

— Não vou namorar com o colega da Georgia — declarei com firmeza.

— Como queiras. A tua irmã diz que esse rapaz com quem andas está a estudar para ser advogado. Talvez *ele* possa ajudar-te a lidar com este problema do Steven.

— Não vai ser esse tipo de advogado. — O Julian estava a estudar Direito Criminal. E sim, eu estava bem ciente da ironia da situação.

— Ele já conheceu os miúdos?

— Não. — O Julian ainda não me pedira para ir lá a casa e eu não o convidara. Normalmente, encontrávamo-nos no bar onde ele trabalhava. Ou no seu apartamento. Geralmente na cama dele, ocasionalmente no sofá, e uma vez no chão da cozinha. Levantei-me para ir buscar outra cerveja ao frigorífico, enfiando a cabeça atrás da porta para esconder o rubor incriminador. A nossa relação não era séria. Eu não sabia bem o que tínhamos. Sabia apenas que gostava da companhia dele e que o sexo era fantástico. E, para já, era tudo o que queria. Tinha a Vero, os miúdos e um salário regular. Na verdade, não precisava de mais nada além de um orgasmo assombroso de vez em quando.

— Mais uma razão para guardares o teu dinheiro, Finlay. Uma mulher solteira tem sempre de estar preparada para tudo. Devias ter um pé de meia.

— O meu pé de meia está muito bem — disse, fechando o frigorífico e abrindo a cerveja.

Não precisava de mais dinheiro da máfia, cadáveres ou maridos problemáticos — fossem meus ou de outrem.

As portas de batente da cozinha abriram-se e a minha irmã entrou, vestida com equipamento de combate, com o Zach debaixo do braço. Vi uma gota de suor deslizar-lhe pela testa por trás da proteção facial transparente do capacete.

— Situação resolvida — disse ela, atirando uma fralda enrolada para o caixote do lixo enquanto o Zach se contorcia para ela o pôr no chão, desatando depois a correr para a sala. A Georgia deixou-se cair na cadeira ao meu lado e tirou o capacete.

— Eu sabia que eras capaz.

— Mas olha que foi por um triz. Quando é que vais tirar as fraldas àquele miúdo? E que conversa é essa do Dia das Profissões na escola da Delia?

Ofereci-lhe a minha cerveja.

— Ela tem de levar um adulto na terça-feira para falar à turma acerca da sua profissão.

— Porque é que não vais tu? És uma escritora famosa.

— Não sou famosa. — Um contrato decente para um livro fora suficiente apenas para pagar as minhas contas. O livro ainda nem estava publicado. Tanto quanto eu sabia, podia ser um fracasso e nunca escreveria outro. — Além disso, a Delia já perguntou à professora e ela disse que não.

— Porquê?

Olhei para a minha mãe e baixei a voz.

— Pelos vistos, a escola tem algumas reticências devido ao *conteúdo* dos meus livros.

— Estás a falar do sexo?

A minha mãe parou de mexer o tacho. Dei um pontapé à minha irmã por baixo da mesa, e praguejei quando o meu pé atingiu a biqueira de aço da bota dela.

— O que é que te passou pela cabeça para trazeres equipamento de combate para o jantar de Ação de Graças?

— Não trouxe. Este é o meu equipamento de treino antigo da Academia. Encontrei-o guardado no armário no meu quarto. Ainda me serve — proclamou com orgulho, dando uma palmada no colete à prova de bala.

— É velcro!

— Que conversa é essa sobre sexo nos teus livros? — perguntou a minha mãe com uma mão na anca, a concha a pingar molho na outra. — Por que raio é que os teus livros têm sexo? Disseste-me que eram policiais.

— Obrigadinha — resmunguei, tirando de novo a minha cerveja da mão da Georgia.

Com um brilho malicioso nos olhos, ela disse:

— Não leste os livros da Finn, mãe? Como é que não te lembras do sexo? — A minha irmã piscou-me o olho, tirou um feijão cru da tigela e enfiou-o na boca.

Dei-lhe uma palmada na mão quando tentou tirar outro.

— Por amor de Deus, Georgia. Acabaste de mudar uma fralda. Lavaste as mãos, ao menos?

A minha mãe apontou para mim com a concha do molho.

— Não invoques o nome do Senhor em vão nesta casa, Finlay Grace McDonnell.

— Donovan — corrigimos eu e a Georgia em uníssono.

A minha mãe rangeu os dentes e salpicou molho para o chão quando apontou para a minha irmã com a concha.

— E tu, Georgina Margaret, vai lavar essas mãos imundas!

A Georgia revirou os olhos. Deu-me um soco no ombro, levantou-se e afastou-se.

— Então que história é essa do sexo nos teus livros? — insistiu a minha mãe.

— Mas afinal leste-os ou não?

Ela corou.

— Li os primeiros capítulos.

— Só os primeiros capítulos?

— Do primeiro livro.

Abri a boca. Sabia que o meu pai não lera os meus romances — e dava graças por isso. As letras daqueles livros de bolso eram demasiado pequenas para ele se dar ao trabalho. Mas partira do princípio de que a minha mãe, que vivia para a oportunidade de se intrometer na minha vida pessoal, teria pelo menos feito o esforço de ler um até ao fim.

— Aquele que tentei ler — explicou ela —, não me cativou. O que foi? — perguntou quando me viu olhar para ela, de boca aberta. — Gosto da Nora Roberts. Já leste alguma coisa dela? É muito boa. — Com um gemido, colocou o peru no forno. — Vês, aqui está outra coisa em que um marido dá jeito.

— Eu consigo pegar nos meus próprios perus, obrigada.

Ela olhou para o teto, ou talvez para Deus, sacudiu um pano da loiça e limpou as mãos.

— Vai dizer ao teu pai que o peru estará pronto dentro de meia hora e que preciso que ele vá à procura da faca elétrica.

Ainda a abanar a cabeça, peguei na cerveja e saí da cozinha. A televisão com o volume quase no máximo transmitia o jogo de futebol, e a Vero e o meu pai estavam ambos instalados no sofá, a gritar com a televisão e a discutir as jogadas.

— Olá pai. A mãe precisa de ti na cozinha. — Aproximei-me por trás dele e dei-lhe um beijo na face. Ele deu uma palmadinha na minha mão pousada no seu ombro.

— Mais devagar, velhote — brincou a Vero, e estendeu a mão aberta quando ele se levantou.

O meu pai enfiou a mão no bolso e tirou uma nota de vinte.

— Devia limitar-me às apostas online.

— Não devia estar a jogar, sequer. É um mau hábito. As probabilidades são sempre terríveis — disse ela, aceitando o dinheiro com uma piscadela de olho.

— Diz a rapariga que acabou de me limpar a carteira. *Tu* é que devias experimentar alguns desses websites. É um fim de semana em grande para o futebol universitário. Pega nesses vinte e aposta um ou dois dólares em cada jogo. Talvez tenhas mais sorte do que eu.

A Vero olhou com ar pensativo para a nota de vinte enquanto o meu pai desaparecia na direção da cozinha. Enfiou o dinheiro no bolso com ar distraído e mal reparou quando eu me deixei cair na cova quente que o meu pai deixara na almofada ao lado dela. Perguntei a mim própria se a Vero estaria a pensar no primo, a desejar estar a ver o jogo com ele, no seu sofá. Teria acedido a passar o Dia de Ação de Graças com a minha família só porque eu a convidara? Porque a minha mãe insistira? Haveria algum código moral que dizia que uma pessoa era obrigada a aguentar um jantar de peru com a família de alguém só porque tinham enterrado um corpo juntas?

— Ainda podes ir ter com o Ramón, se quiseres — disse-lhe.

Ela fitou-me com ar surpreendido, como se eu tivesse ido buscar a sugestão ao lugar por onde a sua mente vagueava.

— Mas a tua mãe...

— A minha mãe compreende. Ainda te manda uma caixa com peru e outra com tarte, para levar. — Por mais que a minha família dê comigo em doida, não imaginaria passar um dia como estes longe deles. Tirei as chaves da carrinha do bolso e dei-as à Vero.

— E tu vais como? — perguntou ela.

— Peço boleia à Georgia depois de os miúdos irem para a cama. Vai passar o fim de semana com o teu primo. Eu tenho muito com que me entreter.

A Vero soltou uma risada maliciosa. Eu sabia que não era na biblioteca que estava a pensar quando disse:

— Não faças nada que eu não fizesse.

CAPÍTULO 3

A minha irmã deixou-me em casa pouco antes das onze da noite. Vi a carrinha na garagem e o espaço vazio onde devia estar o *Charger* da Vero. Ela deixara um bilhete em cima da bancada, a recordar-me da reunião com a Sylvia na segunda-feira, e eu enfiei-o debaixo de um monte de contas, para fingir que não ia pensar nisso.

Inclinei-me para o frigorífico aberto, e entretive-me a jogar Tetris com os restos que a minha mãe mandara, tentando encaixar as montanhas de caixas de plástico. Mesmo depois de tirar duas cervejas para arranjar espaço, a porta não fechava, e acabei por desistir, tirar uma caixa de gelado do congelador e enfiar o último recipiente de molho de arandos no lugar dele.

Triunfante, descalcei-me, peguei numa colher e retirei-me para o piso de cima com as minhas cervejas e o meu *Ben & Jerry's*, tentando não reparar no silêncio sufocante da casa vazia. A porta do quarto da Vero estava fechada, como era habitual à noite depois de ela se deitar, mas a sua ausência parecia-me tangível. Devia estar feliz por ter a casa só para mim, mas agora que a tinha, não sabia se gostava.

Depois de trocar para umas velhas calças de fato de treino e uma t-shirt larga e desbotada, deitei-me na cama sob o brilho suave do candeeiro da mesa de cabeceira, com a caixa de gelado aberta apoiada no peito. Lambi o gelado de menta e chocolate da colher, dividida entre trabalhar no que tinha de entregar à Sylvia e aproveitar para dormir uma boa noite de sono seguida, enquanto podia. Nem sequer sabia sobre o que seria o meu próximo livro. Sempre que me sentava em frente ao computador para trabalhar, acabava a pensar no fórum feminino, preocupada com aquele tópico enterrado onde constava o nome do Steven.

Espetei a colher no gelado e fitei o teto. Talvez a minha mãe tivesse razão. Talvez eu devesse pôr dinheiro de lado para um bom advogado. Talvez devesse lutar pela guarda total. Mas o que havia de dizer? Como o justificaria? *Meritíssimo, não posso deixar os meus filhos passarem os fins de semana com o pai porque ele tem a cabeça a prêmio e eu só sei disso porque, devido ao meu recente sucesso a eliminar maridos problemáticos, uma ex-cliente achou que talvez eu fosse indicada para o serviço. E embora não tenha planos imediatos para matar o meu ex-marido, preferia que os meus filhos não estivessem com ele, no caso de outra pessoa qualquer resolver tentar.*

O meu telemóvel vibrou na mesa de cabeceira. Pousei a caixa de gelado e puxei-o para mim, com um sorriso ao ver a fotografia do Julian a piscar no ecrã.

Estás em casa? perguntou ele.

Sim.

Queres companhia?

A luz de uns faróis penetrou por entre as frestas da persiana, inundando o meu quarto de luz. Saí da cama e aproximei-me da janela. Quando espreitei, vi o *Jeep* castanho do Julian lá em baixo, com o motor ligado.

Desço já, respondi.

Calcei uns ténis, enfiei uma camisola por cima da t-shirt e desci as escadas. O ar lá fora estava frio, e apertei os braços à volta do corpo enquanto corria sobre o relvado. Com um arrepio, abri a porta do lado do passageiro e entrei. Mal tive tempo de a fechar antes de ele se inclinar por cima da alavanca das mudanças e me prender o rosto.

Os dedos dele eram macios, a pele em volta da sua boca era suave, a barba acabada de fazer. Cheirava a noz-moscada e *aftershave*, e o aroma a fumo de lenha agarrava-se à lã grossa da sua camisola.

— Feliz Dia de Ação de Graças — disse, com um sorriso, os lábios encostados aos meus. Recuou apenas o suficiente para me enfiar um gorro de lã na cabeça, e depois afastou-me o cabelo do rosto e prendeu-mo atrás das orelhas. As suas madeixas douradas estavam

escondidas sob um gorro escuro, com alguns caracóis rebeldes a espreitar.

— O que fazes aqui? — perguntei, enrolando um deles no dedo.

— Pensava que ias passar o dia com os teus pais.

— E fui. — Delineou-me lentamente a curva dos lábios com o polegar. — Ia para casa, mas deixaste o gorro no meu apartamento, na semana passada. Pensei que podias precisar dele.

— Oh — respondi. Pus-me de joelhos no banco e passei os braços em torno do pescoço dele. — Estava mesmo a precisar, sim.

Com um brilhozinho nos olhos, ele enfiou a mão debaixo do banco e puxou-o para trás.

— Precisas de mais alguma coisa?

— Ocorre-me uma ou duas — disse, passando por cima da alavanca das mudanças para o colo dele, sem querer saber se a Sra. Haggerty espreitava pela janela e sofria um ataque cardíaco.

— Precisava de te ver — murmurou ele entre beijos. Enfiou a mão dentro do casulo da minha camisola, desenhando um padrão gelado nas minhas costas nuas e parando a meio, onde devia estar o fecho do soutien. Sorriu e o seu gemido ecoou contra os meus lábios enquanto as mãos desciam para as minhas coxas e me puxava mais contra si.

Havia muita roupa pelo meio de nós. Eu mal o conseguia sentir através do blusão de cabedal e da lã grossa da camisola. Mas estava decididamente a sentir alguma coisa através da ganga das calças dele.

— A tua carrinha está na garagem? — perguntou ele quando os vidros começaram a ficar embaciados.

Contive uma risada, lembrando-me de como as coisas tinham corrido mal ao último homem que vira o banco de trás da minha carrinha. A carrinha *estava* na garagem. Mas nela estavam também as cadeirinhas dos meus filhos, uma caixa de pacotinhos de puré de fruta e uma embalagem de toalhitas. Eu nem queria acreditar que estava mesmo a pensar nisto.

— Os miúdos ficaram a passar o fim de semana nos meus pais. Queres entrar? — As palavras saíram-me num atropelo

desesperado, quentes e peganhentas no ar entre nós, antes que conseguisse voltar atrás.

Ele prendeu o meu lábio inferior entre os dentes.

— E a Vero?

— Está com o primo — respondi, ofegante.

A língua dele colidiu com a minha e tive a certeza de que me despiria e trataria do assunto em cima do relvado se as coisas aquecessem muito mais dentro do *Jeep*. Ele pegou-me na mão quando a estendi para a porta.

— Espera. É melhor não — disse, arquejante. — Não posso demorar-me. Tenho de ir fazer as malas. O pessoal quer arrancar às seis da manhã.

Endireitei-me, desorientada, com o gorro de lado.

— Onde é que vais?

Ele tinha os lábios inchados, os olhos ainda esfaimados.

— Os nossos professores vão estar numa conferência para a semana. Deram-nos alguns dias de férias extra, para estudarmos para os exames. Alguns de nós combinámos ir acampar em Panama City.

— Vais para a Florida?

— Foi uma viagem decidida por impulso — disse ele, alisando-me o cabelo e endireitando-me o gorro. — O meu patrão deixou-me trocar alguns turnos no bar. Só fizemos as reservas no parque de campismo esta semana.

Lembrei-me das férias do Steven na faculdade, quando ia para Daytona e Miami com os amigos. Eu nunca era convidada e nunca ficava a saber os pormenores depois. Mas isso não significa que fosse ingénua.

— Só tu e os rapazes?

— E mais algumas pessoas da escola — disse ele. Endireitei-me e deixei alguns centímetros entre nós. O Julian segurou-me suavemente no queixo. — Vamos só apanhar sol e descomprimir. Mais nada. Estarei de volta daqui a uma semana.

Tive visões de universitárias em biquínis minúsculos e tendas ainda mais pequenas. Não tinha qualquer direito de sentir ciúmes.

Eu e o Julian não tínhamos nada sério. Ele nunca estivera sequer dentro da minha casa. Nunca conhecera os meus filhos, nem a Vero, nem o meu ex.

— Oh — disse, quando o outro lado dessa equação me atingiu em cheio na cara.

Ao longo de todo este mês, desde que começáramos a andar um com o outro, eu nunca conhecera também nenhum dos amigos dele.

— O que foi? — perguntou ele.

— Nada — disse-lhe, com um sorriso forçado. Do que é que eu estava à espera? Tinha dois filhos e um trabalho e uma casa pela qual era responsável. Estaria mesmo à espera de que ele me convidasse a ir também? — Está tudo bem — insisti. — Vai, sim. Diverte-te.

— Tens a certeza? Porque se há algum problema, se calhar...

Segurei-lhe no rosto e beijei-o. Porque não queria que ele acabasse a frase. *Se calhar é melhor não nos voltarmos a ver. Se calhar devíamos ir mais devagar. Se calhar devíamos conversar.* Eu não queria fazer nenhuma dessas coisas. Queria fazer sexo com ele neste *Jeep*, e talvez até no chão coberto de migalhas da minha carrinha. Não queria imaginá-lo na praia, enfiado num saco-cama com outra.

Ele tirou-me o gorro e atirou-o para o lado. Os seus dedos enfiaram-se entre o meu cabelo, a outra mão dentro da minha camisola, e puxou-me novamente para o colo com um gemido frustrado.

Nesse momento ouvimos pneus a chiarem. Separámo-nos sobressaltados, arquejantes, quando uma carrinha de caixa aberta parou com uma derrapagem ao fundo do caminho de acesso à minha casa. As luzes dos travões brilharam, num tom lívido de vermelho.

Saltei dos braços do Julian para o banco do passageiro. Ele virou-se e seguiu o meu olhar através do vidro de trás do carro, ainda com os olhos velados de desejo.

— O teu ex?

Fiz que sim com a cabeça e esperei que o Steven pisasse o acelerador e seguisse caminho. Em vez disso, ele puxou o travão de mão.

— Merda! — murmurei.

O Julian encostou a cabeça ao banco e disse, em voz rouca:

— Se calhar é melhor eu ir.

— Não. Por favor... Não te mexas — pedi, e abri a porta do *Jeep*.

Fechei-a com mais força do que pretendia, ajeitei a camisola e alisei o cabelo enquanto avançava pelo caminho de acesso ao encontro do Steve.

— O que estás a fazer aqui? Não te disse que os miúdos ficaram com os meus pais?

— De quem é aquele *Jeep*? — O Steven franziu a testa ao ver o autocolante da universidade no vidro de trás, e esticou o pescoço para tentar ver o interior.

— De uma pessoa amiga. — Pus-lhe a mão no peito quando ele tentou dar uma passada determinada na direção do *Jeep*. — Olha, estou ocupada. Não podes ligar-me amanhã?

Ele parou e um rubor surpreendido invadiu-lhe o rosto.

— Porque é que tens o pescoço todo vermelho? E que raio aconteceu ao teu cabelo?

— Não aconteceu nada com o meu cabelo. Importas-te de...?

Ouvi uma porta de carro bater atrás de mim e o Steven ficou tenso. Fechei os olhos com força.

— Quem é este? — inquiriu o Steven quando o Julian parou ao meu lado.

O Julian puxou-me à parte.

— Parece que vocês os dois precisam de falar, e eu devia ir para casa. Tenho de acordar muito cedo. Ficas bem se eu te deixar?

— Fica ótima — resmungou o Steven.

Acenei afirmativamente.

O Julian baixou-se e roubou-me um beijo lento que me deixou sem fôlego.

— Por amor de Deus, rapaz — explodiu o Steven. — Não passa já da hora de estares na cama?

— Mando-te uma mensagem quando voltar — murmurou o Julian. Derreti-me numa poça de frustração, e reconsiderarei seriamente

aquela oferta de cem mil dólares para matar o meu ex-marido, enquanto o Julian entrava no *Jeep* e arrancava.

Virei-me para o Steven, de mãos nas ancas — sempre era melhor do que à volta do pescoço dele.

— Que vem a ser isto, afinal?

— Eu podia perguntar o mesmo. Quem era aquele? — perguntou, apontando para as luzes do *Jeep*, que diminuía à distância. — Este é que é o advogado misterioso de quem a Vero está sempre a falar? Por amor de Deus, Finn! Que idade tem ele?

— Que idade tem a Bree? — retorqui. Duvidava que a secretária loira e atrevida que ele tinha no escritório tivesse sequer idade para beber.

— Não tens nada que ver com isso! — Ergui uma sobrancelha, mas pelos vistos a ironia da situação passou-lhe despercebida. Franziu os lábios numa expressão revoltada. — É por causa dele que a Delia e o Zach ficaram a passar o fim de semana na tua mãe? Para poderes estar aqui fora, de pijama, a embaciar as janelas do carro de um puto qualquer? — Olhou para a minha camisola e semicerrou os olhos. — Francamente, Finn, nem sequer tens soutien!

Cruzei os braços no peito, vagamente consciente de uma luz a acender-se na janela do piso de cima em casa da Sra. Haggerty.

— O que estás aqui a fazer, Steven? É Ação de Graças. Não tens nenhum sítio melhor para ir?

Ele roçou a mão pela barba por fazer e disfarçou um esgar. Os pais tinham-se mudado para Tampa há alguns anos, depois de se aposentarem, e a irmã vivia agora em Filadélfia. Ele tinha nódoas de *ketchup* na camisa de flanela e o seu hálito cheirava a cebola. Provavelmente passara a noite de Ação de Graças a comer *fast food* no carro.

O Steven deu alguns passos curtos e irritados em frente da carinha, passando as mãos pelo cabelo demasiado comprido. Tinha tão mau aspeto como da última vez que aparecera na minha casa a meio da noite, quando ele e Theresa estavam zangados e ele viera de rabo entre as pernas tentar falar comigo.

— A Bree deu-te com os pés — disse eu, e fiquei certa de que acertara quando ele nem se deu ao trabalho de se sair com uma tirada sarcástica.

— Não me deu com os pés — disse, por fim, com azedume. — Foi uma decisão profissional. Perdi muitos clientes depois da investigação policial e já não podia estar a pagar a uma secretária. Despedi-a há umas semanas. — Contive uma risada irónica e abanei a cabeça. — O que foi? — Ele tinha as faces coradas sob a luz do candeeiro de rua. — Sugeri-lhe continuar a vir só quando fosse preciso, não é culpa minha que ela tenha recusado.

Pus a cabeça nas mãos e murmurei o nome dele com um suspiro. O Steven teria sorte se a Bree não o pusesse em tribunal e não pintasse *#MeToo* no cartaz em frente da quinta.

Eu nem sequer queria saber a quantas mulheres o Steven fizera isto ao longo dos anos, pô-las de lado depois de elas rejeitarem os seus avanços. Tentara fazer o mesmo com a Vero antes de ela vir viver connosco, afirmando que não podia pagar-lhe e sugerindo-lhe que só podia ficar se fizesse algumas horas extra nas calças dele. Despedira-a com a desculpa de não haver dinheiro quando ela recusara declaradamente as suas propostas indecentes.

Com os braços cruzados no peito, dirigi-me para a porta.

— Vai para casa, Steven.

— Não tenho casa — disse ele atrás de mim. Parei a meio do caminho, furiosa comigo própria por me virar. Ele tinha o nariz encarnado, o rosto banhado pela luz crua do poste de iluminação. — Não me sinto em casa em lado nenhum sem os miúdos ao pé de mim.

Era pena ter demorado tanto tempo para chegar a essa conclusão.

— O que queres, Steven?

— Deixa-me ficar com eles no domingo — pediu. — Só umas horas. Ainda não tenho pinheiros suficientemente grandes para cortar, mas encontrei uma quinta que tem umas árvores mesmo bonitas, e pensei que podia levá-los para escolherem uma árvore de Natal. Sabes, uma para cada casa.

Esfreguei os olhos, já sem desculpas para afastar as crianças dele.

— A Delia tem escola na segunda-feira.

Uma centelha de esperança iluminou-lhe o rosto.

— Eu trago-os antes da hora de dormir. Prometo.

— Está bem. — Encolhi-me dentro da camisola, demasiado exausta para discutir. — Eu dou-lhes de comer mais cedo. Podes vir buscá-los às cinco.

Virei-me para a minha casa — a casa que ele queria, subitamente, enfeitar com a árvore de Natal perfeita. A mesma casa que abandonara por achar que a galinha da vizinha era melhor do que a dele. O Steven ficou ali parado no caminho, de mãos nos bolsos, com a neblina da respiração a pairar no ar enquanto me via fechar a porta.

Ela vai dar cabo deles... Assim que conseguir organizar a sua vida!



Para não variar, Finlay Donovan está atrasada na entrega do seu novo livro e continua assoberbada com os dois filhos pequenos e as contas por pagar. Felizmente, tem a ajuda preciosa de Vero, a ama das crianças, que se tornou também a sua melhor amiga, e o único cadáver que tem pela frente é o do peixinho de estimação da sua filha.

Por outro lado, Finlay descobre que alguém quer matar Steven, o seu ex-marido. Ele pode ter-lhe causado um grande desgosto, mas é um bom pai, e ela está determinada a impedir que o pior lhe aconteça. A busca por quem poderá estar por detrás da ameaça à vida de Steven conduz Finlay ao submundo dos fóruns para mães, obrigando-a a aproximar-se em demasia de pessoas muito pouco recomendáveis.

Enquanto tenta proteger a família, descobrir um assassino a soldo e escrever um livro, Finlay tem ainda de resolver a confusão em que se transformou a sua vida amorosa e encontrar o fio à meada da trama em que se vê envolvida, antes que esteja demasiado enredada para conseguir escapar.

«Vibrante... Perante o desafio de corresponder à maravilhosa premissa do seu primeiro livro, Elle Cosimano faz um trabalho notável. O que virá em seguida?»

Kirkus Reviews



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

 [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN 9789897870132



9 789897 870132 >